

O General Câmara na Guerra do Paraguai através de suas correspondências

André Atila Fertig¹

Guilherme de Mattos Gründling²

Resumo: Este artigo enfoca a atuação do General José Antonio Correia da Câmara na Guerra do Paraguai a partir das correspondências enviadas e recebidas por ele ao longo do conflito. Como fontes de análise utilizaremos as cartas enviadas e recebidas por Câmara de colegas militares e amigos, assim como destacaremos as missivas dirigidas a sua esposa, Maria Rita Fernandes Pinheiro. Objetivamos compreender, principalmente, as percepções de Câmara sobre o conflito, as condições e cotidiano de sua vida militar, os preparativos militares para o enfrentamento contra os paraguaios, bem como desejamos tratar do âmbito privado da vida de Câmara, ao buscar focar sua vivência pessoal no conflito, seus sentimentos expressados em relação às questões da guerra, além de informações e sensibilidades expressadas por ele sobre a sua condição pessoal e de sua família, algo que as cartas nos informam de maneira privilegiada.

Palavras-chave: história política, história militar, correspondências.

Abstract: This article focuses on the role of General Antonio José Correia da Camera in the Paraguayan War from correspondence sent and received by him during the conflict. As sources of analysis will use the letters sent and received by Câmara of military colleagues and friends, as well as highlight the letters addressed to his wife, Maria Rita Fernandes Pinheiro. We aim to understand, mainly, the perceptions of Câmara about the conflict, and the conditions of their everyday military life, military preparations for the confrontation against the Paraguayans and wish to address the scope of the private life of Câmara, to focus on her personal experience seeking in conflict, expressed her feelings on the issues of war, plus information and sensitivities expressed by him about his personal condition and his family, something that the letters tell us so privileged.

Keywords: political history, military history, correspondences.

A pesquisa histórica, em âmbito acadêmico, nas últimas décadas, voltou a preocupar-se com o papel do indivíduo no processo histórico. Esquecido ou colocado a margem por muitos historiadores do século XX, influenciados teoricamente, em grande parte, pelos marxismos ou pela Escola dos Annales, o indivíduo retornou como preocupação máxima e objeto de pesquisa desde o final do século XX e atualmente recebe atenção privilegiada, haja vista a quantidade de produções historiográficas que resultam em biografias, estudos de trajetórias e vivências pessoais, estudos de caso de homens e mulheres, tanto da elite como de estratos sociais mais baixos da sociedade, como marginalizados ou excluídos.

Mesmo quando os historiadores se preocupam em realizar uma história do tipo sociológica, como a história política das elites ou a história agrária, somente para citar duas abordagens, há quase sempre a intenção do historiador – que usualmente dialoga teórica e metodologicamente com a microhistória italiana e/ou com a teoria das redes

¹ Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor adjunto da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Graduando pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

sociais - em focar o indivíduo concreto, suas ideias, experiências de vida e sociabilidade.

Do ponto de vista metodológico, o uso privilegiado de cartas como fonte histórica na pesquisa, está relacionado ao objetivo de abordar o indivíduo na história. Consideramos as cartas como um escrito autobiográfico, uma escrita de si em diálogo com um outro, na qual o indivíduo, como sugere Teresa Malatian, “assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta”³. Além disso, através das cartas o historiador consegue chegar a dimensão privada da vida, na qual sentimentos, emoções, experiências são relatadas do ponto de vista pessoal e, na maior parte das vezes, entrelaçando vida privada com vida pública, estabelecem um diálogo interessante, na perspectiva e desejo de todo historiador, que deve ser, de abordar tanto o indivíduo quanto o contexto em que ele estava inserido, buscando realizar uma narrativa historiográfica que faça a articulação necessária e fundamental entre texto/contexto, indivíduo/sociedade, enfim, que, partindo de uma pessoa ou de um elemento singular do passado, consiga ampliar a abordagem para uma história mais global. Renato Lemos, em estudo sobre Benjamin Constant, exemplifica com pertinência essa preocupação que o historiador possui ao se interessar pelo indivíduo na história:

Examinada de um ponto de vista que integra, como fatores explicativos da sua expressão social, particularidades biográficas e questões conjunturais, a vida de Benjamin Constant indica como o individual e o coletivo configuram a ampla zona de intersecção em que a biografia ganha sentido histórico. A significação geral de sua vida individual deriva do caminho que percorreu na sua formação pessoal, especialmente no que diz respeito a opções feitas diante de encruzilhadas intelectuais e políticas. Nesse percurso, algumas de suas intervenções pessoais contribuíram para alterar o rumo do processo histórico brasileiro. Há em sua vida, entretanto, significados particulares emblemáticos da maneira como tendências gerais são sintetizadas pelo indivíduo, tornando-o em si um rico objeto de estudo⁴.

É dessa maneira que pretendemos abordar a história do General Câmara, entrelaçando o individual e o social, percorrendo a trajetória de atuação do personagem em um contexto específico, a Guerra do Paraguai. Também desejamos compreender suas ações e seu pensamento, ou seja, seu papel de representação e intervenção no processo histórico, afinal trata-se de um personagem singular e que possuía - por ser um militar de alta patente e uma liderança política emergente - esse poder de alterar o rumo

³ MALATIAN, Teresa. “Narrador, registro e arquivo”. In: PINSKY, Carla e LUCA, Tania (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195.

⁴ LEMOS, Renato. *Benjamin Constant: biografia e explicação histórica*. *Estudos Históricos*, n. 19, 1997, p. 67-68.

dos acontecimentos e de nos oferecer um testemunho privilegiado sobre o que estava acontecendo no Paraguai. Ao mesmo tempo, buscamos identificar, como diz a citação acima, como tendências mais gerais foram sintetizadas por Câmara, como, por exemplo, a política externa e os enfrentamentos bélicos na Região do Prata, fenômenos gerais daquela conjuntura podem ser exemplificados por intermédio desse personagem singular.

Tarefa árdua e quase sempre discutível, cabe ao historiador dimensionar o poder de atuação dos indivíduos na história, visto que faz parte do seu ofício, como observou Antoine Prost, hierarquizar as causas de um determinado fenômeno histórico e o papel dos indivíduos nesse fenômeno. Neste aspecto, defendemos a relevância de nosso personagem de estudo, um militar e político de destaque, pois, segundo Prost, o historiador não pode explicar exclusivamente pelas “tendências pesadas” ou a partir “das intervenções dos atores”, mas cabe a ele cruzar as duas dimensões e construir “um universo de responsabilidades sob coações, onde a fatalidade é excluída, mas onde a liberdade jamais é total. De acordo com o tipo de história que fazem, os historiadores são mais sensíveis ao peso das coações ou ao papel dos atores⁵”. Ainda segundo Prost, a história política, dos partidos, governos, revoluções e golpes de Estado, estaria mais ao lado dos atores, acentuando a importância dos indivíduos. Aproveitaremos esta característica da história política para valorizar nosso indivíduo, José Antonio Correa da Câmara.

Salientamos que o retorno do destaque do indivíduo não pode ser um retorno à biografia tradicional, de caráter factual, cronológico, que descola o indivíduo da sociedade em que ele estava inserido e constrói figuras heroicas. O caso do General Câmara serviria “como uma luva” a quem desejasse escrever este tipo de história. Entretanto, sem a cobiça ingênua de recuperar o General Câmara *verdadeiro*, visto que este é um objetivo impossível, muito menos em idealizá-lo como herói, pretendemos apresentar uma versão plausível das percepções do General quando estava a caminho dos conflitos bélicos na região do Prata com a preocupação que os estudos históricos biográficos devem ter de explicar, analisar e problematizar o passado em foco. Portanto, como defende Benito Schmidt, para além do oportunismo editorial, “a retomada atual

⁵ PROST, Antoine. *Como a história faz o historiador? Anos 90*. Porto Alegre, n. 14, dezembro de 2000, p. 15.

do gênero, pelo menos em certos casos, tratou de recolocar a possibilidade de articulação entre narrativa biográfica e história-problema”.⁶

Assim, como todo historiador deve estudar os homens no tempo passado orientado por questões, pois fazer perguntas significa a possibilidade de se oferecer uma explicação sobre este mesmo passado, em síntese, um sentido para o passado, cabe a nós explicitarmos algumas das perguntas que norteiam nossa investigação: Como José Antonio Correa da Câmara percebeu o conflito e sua atuação em âmbito privado, narrando tais percepções a sua interlocutora privilegiada, Maria Rita? Que preocupações e sensações ele tinha durante sua permanência nos campos de batalha? Quais foram, através das cartas, os interlocutores privilegiados de Câmara? Enfim, estas são algumas das perguntas que pretendemos responder a seguir através da análise das cartas enviadas por Câmara à Maria Rita e alguns amigos e colegas de farda durante a Guerra do Paraguai.

As cartas, assim como diários, memórias pessoais e autobiografias, conforme o historiador Renato Lemos, fazem os historiadores praticarem uma espécie de *voyerismo* e exercitarem algo próprio dos seres humanos, o fascínio pelas histórias da vida privada. A carta íntima, pelo seu caráter essencialmente pessoal, próximo a um diário, como, por exemplo, as cartas trocadas entre D. Pedro II e a Condessa Barral ou as que são nosso objeto de estudo, trocadas entre o General Câmara e sua esposa Maria Rita possuem – com certas reservas – a marca da sinceridade, um “efeito de real” significativo, pois constituem uma conversa a dois, sem testemunhas presentes e com a finalidade de “abolir a distância” entre as pessoas⁷. Portanto, nosso objeto de investigação é um indivíduo, José Antonio Correa da Câmara. Nossa intenção, no entanto, não é realizar uma pesquisa biográfica, mas sim se valer de uma pessoa – um importante personagem militar e político – como porta de entrada para a história do Brasil na segunda metade do século XIX e, neste artigo, sua atuação e olhar quando dirigia-se à fronteira platina e atuava na intervenção militar brasileira no Uruguai por intermédio das cartas que enviava a sua esposa, Maria Rita.

As cartas do General interessam por tudo aquilo que um militar informou ou “conversou”, em âmbito privado com a esposa e demais amigos que, provavelmente, não faziam parte de seus diálogos ou trocas de missivas com seus colegas de farda e da

⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. *Biografia e regimes de historicidade. Méis: história e cultura*, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan/jun 2003, p. 65.

⁷ LEMOS, Renato. *Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p. 11-13.

política. Portanto, sua versão sobre os preparativos para a guerra, assim como suas questões pessoais como sentimentos e problemas pelos quais passava, representam o foco de nossa análise.

José Antonio Correa da Câmara nasceu em Porto Alegre em 1824 e faleceu no Rio de Janeiro em 1893, iniciou sua carreira militar em 1839, durante a Guerra Farrroupilha no 3º Regimento de Cavalaria Ligeira, lutando pelo Império, assim como esteve nas campanhas militares no Uruguai entre 1851-1852. Em fevereiro de 1864, aos 40 anos de idade, quando partiu de Porto Alegre em direção a fronteira com o Uruguai, ele já possuía um estimável currículo de participações em conflitos bélicos a serviço do Império do Brasil. Neste ano esteve envolvido nos preparativos para o conflito com os blancos uruguayos e participou das batalhas no final do ano e início de 1865, quando – já as vésperas da Guerra do Paraguai – as forças brasileiras derrotaram os blancos em Paysandu e tomaram Montevideú.

Em maio de 1865 José Antonio Correa da Câmara, no Rio de Janeiro, recebeu o convite do ministro da Guerra, Conselheiro Ferraz, para ser o comandante de uma batalhão de Voluntários da Pátria, o 5º Regimento de Cavalaria, que iria dirigir-se ao Paraguai. Já em Porto Alegre, no dia 24 de junho ele embarcava para Rio Pardo para se juntar a força bélica que, sob o comando de Manoel Luis Osório, Comandante do Exército em operações contra o Paraguai, iniciava a travessia do rio Uruguai, na região de Salto para Concórdia. Entretanto, ao chegar a Santana do Livramento, em 20 de julho de 1865, Câmara, informado do possível enfrentamento com os paraguayos em Uruguiana, encaminhou-se para aquela região para auxiliar as tropas sob comando do General Caldwell e de David Canabarro, chegando lá em 3 de agosto. Em 5 de agosto o Paraguai atacou Uruguiana, em revide das forças brasileiras. Em 17 de agosto Câmara viajou para Caçapava a fim de encontrar a comitiva do Imperador e prestar-lhes informações sobre o que estava acontecendo na fronteira, retornando a Uruguiana em 3 de setembro. Dois dias depois, em 5 de setembro, Câmara era nomeado Deputado Quartel Mestre-General do Estado-Maior do Tenente-General Manoel Marques de Souza, Barão de Porto Alegre, que havia sido indicado em julho do mesmo ano chefe do exército em operações no Rio Grande do Sul, uma espécie de exército de retaguarda, responsável pela defesa das fronteiras da Província, cujo Quartel General era em São Borja. Câmara atuou na rendição de Uruguiana, ficando nesta cidade a serviço das forças comandadas pelo Barão de Porto Alegre, sendo inclusive condecorado Oficial da Ordem de Aviz após a rendição de Uruguiana. Foi neste contexto que ele recebeu a

notícia da morte de sua filha Adelina, acometida de sarampo, em carta de 23 de outubro de 1865, enviada por seu primo e amigo João Felix:

Meu amigo Jêca. Cumpro um bem triste dever comunicando-lhe o passamento de sua interessante filhinha, que depois de uma longa enfermidade, subiu ontem ao céu, onde junto ao Ente Supremo, dirige fervorosas preces pela felicidade de seus progenitores... A prima D. Maria Rita, como era de supor, acha-se abismada na mais acerba dor; porém o meu amigo, sem duvida tão extremoso como ela, mas dotado de uma razão mais forte, e mais conhecedor das vicissitudes a que estamos sujeitos neste vale de lágrimas chamado mundo, deve reconhecer que em tais ocasiões o único caminho a seguir é a resignação aos Decretos do Altíssimo, pois é ele o único que conhece o que nos convém.⁸

Em novembro de 1865 Câmara se dirigiu a São Borja, onde no início do ano de 1866 reorganizou seu exército em 4 divisões, sob comando do General Portinho, General Gonçalves Fontes, Coronel Silva Ouriques e Francisco Pedro de Abreu (Barão do Jacuí). Além dessas 4 divisões havia também 2 brigadas e alguns Corpos independentes. No total, segundo Rinaldo Pereira da Câmara, havia cerca de 13.000 homens⁹.

Em 5 de fevereiro de 1866 Câmara orientou a passagem da 3ª divisão através do rio Uruguai e também a passagem da 1ª divisão em Garruchos. Finalizada a passagem do rio Uruguai, em 20 de março, as forças comandadas por Marques de Souza acamparam em Itacuí. Entre março e julho aconteceram alguns confrontos com os paraguaios quando da longa marcha das tropas que, em julho de 1866, chegaram à Itapirú e Passo da Pátria, próximo ao entroncamento dos rios Paraná e Paraguai.

A partir do recuo das tropas paraguaias para o interior de seu território, os aliados planejaram como atacariam, cuja defensiva estava montada pelas seguintes fortificações: Curuzú, Curupaiti e Humaitá, localizadas na margem esquerda do rio Paraguai.

Assim sendo, três semanas após ter o 2º Corpo do Exército chegado a Passo da Pátria houve o ataque a Curuzu, forte próximo de Curupaiti

Na madrugada do dia 1º de setembro, o comando da passagem das forças pelo rio Paraguai foram de responsabilidade do Comandante Alvim e do Tenente Coronel José Antonio Correa da Câmara e em 3 de setembro de 1866 houve o ataque vitorioso das forças brasileiras à Curuzu, capitaneadas pelo Tenente Coronel da Guarda Nacional

⁸ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 606.

⁹ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 128.

Astrogildo Pereira da Costa, que liderou o 34º Batalhão de Voluntários da Pátria. Em tal vitória, foi assim descrito o papel de Câmara, segundo carta de seu amigo e compadre Felipe Nery, enviada do Rio de Janeiro à esposa de Câmara, Maria Rita, no dia 22 de setembro de 1866:

(...) vimos com tanta alegria como entusiasmo, que o nosso Jéca distinguiu-se, de novo, no assalto de Curuzú, escapando felizmente ileso no meio do terrível morticínio das 700 e tantas baixas, que custou aos bravos do 2º Corpo do Exército, essa brilhante vitória. Sabendo quanto nos é a todos claro, deve calcular o jubilo com que vimos o êxito de seu marido, e quanto são íntimos e sinceros embora, que todos sem exceção mandamos-lhe, fazendo votos para que a sua feliz estrela o não desampare nos combates que deverão suceder àquele, (...).¹⁰

Cabe observarmos que, se houve realmente um número significativo de mortos no combate de Curuzu, este número se deu muito mais no lado das forças paraguaias, visto que, segundo informações do próprio Manoel Marques de Souza, morreram em torno de oitocentos “inimigos” e do lado brasileiro, apesar de 773 praças fora de combate e 59 oficiais, morreram 123 praças e 10 oficiais¹¹.

Após a vitória em Curuzu, as forças aliadas esperaram se reorganizar para atacar Curupaiti, visto que o Quartel General Paraguaio se situava bem próximo dali, em

Passo-Pacu. Todavia, em reunião de 8 de setembro, os comandantes Mitre, Flores e Polidoro (substituto de Osório) resolveram atacar a fortaleza de Curupaiti. Quem comandou o ataque foi o General Bartolomeu Mitre, como cerca de 10 mil soldados brasileiros (do 2º Corpo do Exército, sob o comando de Marques de Souza, mais 5 batalhões do 1º Corpo), além de 9 mil soldados argentinos e 24 bocas de fogo. Sem discutir as causas da derrota, já que este não é nosso objetivo neste artigo, Curupaiti foi a maior derrota dos aliados, causando a morte de, pelo menos, 400 brasileiros e cerca de 700 argentinos. A derrota em Curupaiti provocou mudanças significativas nos comandos de guerra das forças aliadas, como a ascensão de Luis Alves de Lima e Silva (na época, Marquês de Caxias) ao comando do exército brasileiro no Paraguai. Além disso, depois batalha de Curupaiti até a ofensiva à fortaleza de Humaitá, que aconteceria somente a partir de julho de 1867, houve um interregno da guerra, um longo período de inércia das tropas aliadas, o que possibilitou à Caxias a reorganização das forças aliadas.

¹⁰ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.149.

¹¹ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.148.

Câmara, aproveitando-se dessa relativa calma após o malogrado ataque a Curupaiti, solicitou uma licença, visto que ele vinha atuando na fronteira meridional desde o ano de 1864. Assim sendo, em 22 de outubro de 1866 foi-lhe concedida uma licença de saúde de 4 meses.

José Antonio Correa da Câmara retornou ao Paraguai, ao Passo da Pátria, em 18 de abril de 1867, quando se apresentou ao comandante-em-chefe do exército aliado, Marquês de Caxias. Logo após sua chegada, Câmara fora nomeado por Caxias Ajudante e Quartel-Mestre-General das forças estacionadas em Corrientes, embarcando com cerca de 400 homens para aquela cidade, em razão de ataques de correntinos aos depósitos dos aliados. Corrientes era importante cidade para os aliados, tanto do ponto de vista estratégico como simbólico, pois foi nessa cidade que, após o rechaço das forças paraguaias, havia sido assinado o Tratado da Tríplice Aliança em 1º de maio de 1865.

De Corrientes, em 21 de abril de 1867, Câmara enviava uma correspondência a sua esposa relatando, além da epidemia de cólera que causava inúmeras mortes entre os soldados, sua boa relação com Caxias:

Vim do exército muito penhorado com a confiança que em mim depositou o Caxias, que tendo necessidade de um oficial enérgico para esta missão, não aceitou o nome de outros que lhe foram lembrados, mandando-me chamar, dizendo-me que se tornassem críticas as circunstâncias, assumisse também, o comando de toda a força aqui existente (...).¹²

Naquele junho de 1867 as forças aliadas sob o comando de Caxias se preparavam para o que viria a ser uma nova fase da guerra, com a marcha de flanco em direção a Humaitá, primeiros movimentos do exército aliado desde Curupaiti. Nesse período Câmara não sabia ao certo qual seria sua função. Em carta de 10 de junho de 1867 ele relatava a Maria Rita que havia recebido ordem de Caxias para recolher-se ao Exército, em Tuiuti, mas não sabia se iria para o 2º Corpo como Ajudante General ou que comandaria uma Brigada de Cavalaria, na divisão de João Manoel de Lima, “lugar que eu prefiro a qualquer outro”.¹³

Do Passo da Pátria, em 30 de junho de 1867, Câmara escreve para Maria Rita, primeiro dizendo-se incomodado pela indefinição quanto ao seu posto, sugerindo que Caxias talvez não estivesse “agradado” com a promoção de Câmara à Coronel, por

¹² CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.174.

¹³ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.175.

decreto de 1º de junho, e seguia depois já sabendo em que força atuaria: “São 6 horas da tarde e venho do Caxias, que me mandou chamar para dizer-me que eu marcharei com a vanguarda do exército, fazendo às vezes do chefe do estado maior junto ao General Enrique Castro, comandante das forças uruguaias desde a saída de Venancio Flores em setembro de 1866”.

Todavia, em julho de 1867 o destino de Câmara foi outro, sendo nomeado ajudante e quartel-mestre-general do 3º Corpo do Exército, sob o comando de Manoel Luis Osório (Marquês do Herval), que marchou no mesmo mês, entre os dias 22 e 31 de julho, contra Humaitá, de Tuiuti a Tuiu-Cuê, com mais de 8 mil homens e com o objetivo de cortar as comunicações das tropas paraguaias estacionadas na região com Assunção. Com o combate de Tuiu-Cuê, em 31 de julho, encerrou-se a denominada 1ª fase de manobra envolvendo Humaitá, durante a qual, como vemos, Câmara atuou na vanguarda do 3º Corpo do Exército. Também nesse momento ocorreu a troca de comando das forças aliadas, assumindo o General Mitre e Caxias retornando ao comando das forças brasileiras. Importante disso é que Caxias nomeia o então Coronel Câmara como se chefe de Estado-maior interino, cargo que ocupará até o retorno de seu ocupante efetivo, o Coronel Fonseca Costa, em 15 de outubro de 1867.

O significado de tal cargo e a situação em que estava o conflito fora assim descrita por Câmara a sua esposa, em carta de 12 de setembro de 1867 de Tuiu-Cuê:

Minha Maria Rita. Já te disse em uma das minhas anteriores que o Marquês nomeou-me seu Chefe de Estado-Maior, e desde 12 deste mês que me acho em seu quartel-general. O lugar é de muito trabalho, acontecendo sempre sair da minha barraca as 5 horas da manhã e só entrar para ela as 9 da noite. Apesar da importância do lugar estou, todavia, desesperado por me ver livre dele, e voltar para a minha vanguarda.¹⁴

Por este trecho da carta vemos que a preferência de Câmara, como militar, em atuar na vanguarda de cavalaria sob o comando de Osório. Uns dias depois, em 26 de setembro, Câmara expressava sua aflição com o estado de saúde de sua filha Adelina, “a quem me diz o coração não verei mais, porque parece-me impossível que no estado a que a descreves, ela possa viver”. Na mesma missiva, Câmara afirmava que nunca havia passado tão bem de saúde, “apesar de passar o dia inteiro sentado a uma mesa de

¹⁴ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 180.

escrever”, ou seja, novamente ele reclamava do posto de chefe de Estado-Maior que estava ocupando¹⁵.

Em 3 de outubro de 1867 novamente Câmara expressava seu gosto maior pela ação militar do que pelo ofício burocrático ao informar que Caxias o havia mandado com uma Divisão de Cavalaria e 2 Batalhões de Infantaria percorrer a costa do Arroio Hondo, que deságua no rio Paraguai, próximo a Humaitá, “o que fiz até um quarto de légua distante daquela fortaleza, queimando os ranchos que eles tinham pela costa, cortando o fio elétrico, e pondo-lhe fogo no campo¹⁶”. Aqui vemos atitudes nem “tão nobres” de nosso ilustre personagem, mas que, por outro lado, faziam parte de ações em época de guerra, ainda mais de uma guerra total como foi o conflito com o Paraguai.

As cartas enviadas por Câmara à Maria Rita nos meses de novembro e dezembro de 1867 são bastante tristes em razão do abatimento do militar com a morte de sua filha Adelina. Em 17 de novembro ele dirigiu as seguintes palavras à esposa:

Minha querida Maria Rita. Não perco ocasião de escrever-te sempre que posso... Sei bem que dificilmente me poderás escrever depois da morte do nosso querido anjo... Passo a vida atribuladamente e desgostoso e nem sequer as obrigações pesadas que tenho me servem de distração. E o único amigo que tinha junto a mim foi ontem vitimado pelo cólera, sucumbindo em menos de 24 horas: o Alencastro (Capitão Pedro de Alencastro) (...) Vi-o morrer e na fisionomia, parecia-me ler a dor pungente que lhe dilacerava a alma! Ele tinha, forçosamente, nesse momento solene a mulher e os filhos no pensamento, mulher e filhos a quem não veria mais, coitado! (...) Sua morte me tem impressionado dolorosamente. Adeus.¹⁷

Em 6 de dezembro de 1867 o tom da carta de Câmara era de indignação, pois ele reclamava que, Maria Rita, em correspondência de 7 de novembro, recebida por ele há 3 ou 4 dias, relatava os gastos havidos com a doença de Adelina. Câmara afirmou incomodado:

(...) Para que quero eu saber em que foram eles gastos? (...) Sou eu por ventura algum miserável vilão, que queira que a mulher me diga em que gasta o dinheiro? Pois, o que me pertence não é teu e tão somente teu e dos nossos filhos? O que eu quero saber é que tu e eles não sofram faltas (...).¹⁸

Além de informar do calor excessivo e das visitas de Osório e Caxias a sua barraca, Câmara fazia uma interessante solicitação para que Juca – Tenente José

¹⁵ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 181.

¹⁶ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 185-186.

¹⁷ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.187.

¹⁸ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 187-188.

Cristiano Pinheiro Bitencourt, seu ajudante de ordens e sobrinho - comprasse o livro de história do Brasil, de autoria de Pereira da Silva e, ainda pedia para Maria Rita guardar a obra, não na estante, em razão das traças, mas em um dos cômodos da casa. Outra preocupação de Câmara era com a educação de seu filho Alfredo, recomendando que era preciso obrigá-lo a ir ao colégio, pois senão seria “sapateiro ou açougueiro quando for homem, porque será analfabeto¹⁹”. Em 29 de janeiro de 1868 o Marquês de Caxias nomeou Câmara comandante da 5ª Divisão de Cavalaria, que gostou da nomeação, pois tal cargo lhe daria mais importância e maior vencimento e, por isso, afirmava que estava “muito obrigado ao Caxias, de quem constantemente recebo provas de estima” (Câmara, 1970, p. 193). Entretanto, cartas como essa em que relatava suas atividades militares se combinavam com missivas em que Câmara voltava sua preocupação com a família, principalmente com seus filhos. Em 16 de fevereiro de 1868 felicitava sua filha Maria José, que fazia 16 anos:

A Sinhá está pois uma moça; será bem que lhe vás formando o coração, e que nessa idade de perigo, faças tudo para que seja uma mulher de juízo. Não consinta de maneira alguma que ela leia romances, imorais na sua maior parte, e que não servem senão para torná-las coquetos e ridículas, se as não torna coisa pior.²⁰

Ao longo da primeira metade de 1868 houve a 2ª fase das operações contra Humaitá, na qual a participação de Câmara, comandando a 5ª Divisão de Cavalaria, foi expressiva, pois tomou parte desde o combate de 21 de março daquele ano, quando as forças aliadas avançaram e fizeram com que boa parte das forças paraguaias rumassem para a região do Chaco e outra se refugiou em Humaitá, já sitiada. Câmara avançara até as proximidades de Passo Pacu, o que lhe proporcionou, de Tuyu-Cué, descrever o acampamento de López:

Minha querida Maria Rita. Chego neste momento com a minha Divisão do acampamento de López. Esta madrugada na hora que começava a fazer as descobertas, observei que incendiavam-se casas no acampamento de Lopez, notando logo que todo o acampamento ardia. (...) Tive ordem de não passar as trincheira e de regressar. Mais tarde fui então, com a Divisão, encontrando-se ainda no acampamento 2 mulheres com crianças, carneiros, galinhas, cabritos e muitos trastes. Mando-te este boné paraguaio como lembrança e esses jornais, que depois de leres, peço-te que os mande ao Felipe,

¹⁹ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 188.

²⁰ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 194.

e dize-lhe o que acabo de escrever. Adeus minha Maria Rita. Abraço-te e aos meus filhos. Saudades à família. Teu Jé.²¹

Do palco da guerra, Câmara testemunhava o avanço das tropas aliadas sobre Humaitá, descrevia a situação para a esposa, fazendo questão de atualizá-la sobre os acontecimentos, inclusive, como vemos, enviando jornais e fazia dela também uma emissária de informações para Felipe Nery, político liberal e jornalista que colaborava no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro e dirigia, em Porto Alegre, o periódico Correio do Sul. Conforme as correspondências que temos lido, Nery era um dos mais assíduos interlocutores de Câmara. Amigos, compadres e correligionários, eles trocavam confidências, dialogavam sobre a situação política, atualizavam informações sobre o conflito. Câmara, como vimos na carta acima, fazia questão de informar seus passos a Nery que, interessado no conflito, rumou para o Paraguai como correspondente de guerra para o jornal carioca, vindo a falecer em 20 de fevereiro de 1869 em Assunção.

Em algumas correspondências Câmara descrevia em mais detalhes as batalhas que estavam ocorrendo durante o avanço em direção a Humaitá. Em uma delas, enviada a seu cunhado Juca²², em 26 de abril de 1868, assim ele relatava os acontecimentos:

Ontem, às 6 e meia mais ou menos, deram-me os paraguaios uma descarga de artilharia com mais de 30 peças, na ocasião em que estava nas linhas avançadas, (...) fiquei literalmente rodeado de bombas por alguns instantes, e com tanta felicidade que nenhum dos que andavam comigo sofreram nada.²³

Mais adiante, na mesma missiva, Câmara comentava que até as 9 horas da noite durara a batalha e que as forças aliada só haviam perdido um soldado. Câmara se destacava nas disputas bélicas, escapava ileso dos conflitos e construía uma imagem de grande liderança militar. O Marechal Francisco da Silva Bitencourt²⁴, em carta ao “prezado amigo” e cunhado Câmara, em 18 de junho de 1868, salientava a estima de Manuel Luis Osório por Câmara em razão de sua “nobre conduta e valiosos serviços

²¹ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 196.

²² Juca era o 9º filho do Visconde de São Leopoldo e possuía o mesmo nome do pai, José Feliciano Fernandes Pinheiro. Mais informações em: CARVALHO, Mário Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Of. Graf. da Liv. do Globo, 1937, p. 243.

²³ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.196.

²⁴ Francisco Antonio da Silva Bitencourt era casado com a 2ª filha do Visconde de São Leopoldo, D. Maria Teresa Fernandes Pinheiro. Para mais informações ver: CARVALHO, Mário Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Of. Graf. da Liv. do Globo, 1937, p. 245.

nessa campanha”, que tem produzido “o melhor conceito e estima do nosso velho Marquês”.

A conquista de Humaitá se deu em julho de 1868 e Câmara, com certo orgulho, em carta à esposa, destacava seu papel de testemunha ocular da retirada das forças paraguaias:

(...) verás que é nossa a formidável Humaitá, e que fui o primeiro soldado do exército que lá pisei. Nisso não há para mim nenhuma glória, porque o inimigo a estava abandonando, mas há muita satisfação, que não posso encobrir. Fui ainda eu, que observei que eles abandonavam a Praça, (...).

²⁵

Nas cartas seguintes, Câmara descrevia as condições que estava Humaitá, com casas em escombros e ruínas, circundada por trincheiras. Os paraguaios tinham se retirado para o Chaco. Acerca das condições das tropas paraguaias e sua população Câmara fez alguns relatos em que ressaltava a fome dos soldados paraguaios, que se alimentavam de cavalos e os prisioneiros brigavam por bolachas dadas pelos aliados. Além disso, atentamos para a descrição que Câmara fez das mulheres paraguaias, em texto enviado a Maria Rita no dia 2 de agosto de 1868:

Tenho tido muita pena das pobres mulheres paraguaias que saíram de Humaitá e que estão no Chaco, sitiadas com as forças inimigas. (...) Há dois dias veio uma, agarrada em uma canoa que tentava passar a lagoa, ferida no ombro por bala de fuzil; é branca e não é feia, mas vinha só de camisa e muito suja. Comia com avidez umas bolachas, que lhe tinha dado. As chinas do exército rodeavam-na, condoídas umas desta sua sorte, e outras dirigindo-lhe ditos insultuosos, sendo preciso afugentar estas infames de junto daquela misera.²⁶

A passagem da Fortaleza de Humaitá pode ser considerada como o momento decisivo da guerra em favor das forças aliadas. Como afirmou Vitor Izecksohn,

para todos os fins práticos, com o rio Paraguai sobre controle, Humaitá destruída e Assunção sob risco de invasão iminente, a guerra estava terminada. O próprio Caxias propôs isso ao Imperador, afirmando que seria perda de tempo e dinheiro insistir no que chamava de ‘uma guerra de postos’..²⁷

²⁵ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 198.

²⁶ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 200.

²⁷ IZECKSOHN, Vitor. “A Guerra do Paraguai”. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial, v II: 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 411-412.

Depois da conquista de Humaitá o exército aliado, com os 1º e 3º Corpo, rumou para o norte, de Para-Cué a Palmas. Nas cartas enviadas a Maria Rita durante essa “marcha de flanco”, como ficou conhecida a manobra das forças aliadas, Câmara informava das péssimas condições em que se encontrava a tropa, do clima chuvoso, quente e úmido, da cólera que graçava, até chegar a região de Palmas em setembro de 1868, dias antes da manobra liderada por Caxias em Piquissiri. Neste período, entre agosto e dezembro de 1868, ocorreram batalhas importantes como Avaí, Itororó e Lomas Valentinas, vitórias aliadas que permitiram praticamente a aniquilação das forças paraguaias e também propiciaram a tomada de Assunção pelas tropas aliadas em janeiro de 1869. Solano López fugiu para o interior do país, em direção à Cordilheira de Ascurra. Para Caxias, que retornou ao Brasil, a guerra estava terminada, todavia, para o Imperador, o conflito só teria fim com a caçada final e captura de López.

Em substituição a Caxias, D. Pedro II nomeou seu genro, Luis Felipe Fernando Gastão de Orleans (Conde d’Eu) como Comandante das forças brasileiras e iniciou-se, em abril de 1869, a Campanha da Cordilheira, uma longa e cansativa guerra de guerrilhas para capturar López e seus seguidores. Quando da chegada do Conde ao Paraguai muito sugestiva foi a opinião de Câmara sobre a vocação militar de Gastão de Orleans que, naquele momento possuía apenas 27 anos e pouca experiência militar. Do acampamento de Lambaré, em 21 de abril de 1869 ele emitiu a seguinte opinião:

O Conde d’Eu aqui está desde o dia 15 ou 16 deste mês, nos passando em revista um dia destes. O pobre rapaz tem tanto de soldado quanto eu tenho de frade, e estou certíssimo de que seu comando será árido em resultados. Vem qual barbeiro novo aprender a fazer a barba na cara dos tolos.²⁸

Como sabemos, o comando de Conde d’Eu realmente não foi fácil, pois, além do desânimo de muitos soldados que já estavam há muito tempo no Paraguai, houve também diversas dificuldades operacionais como atraso nos salários, desconhecimento do terreno, multiplicação de refugiados paraguaios e o grave problema de abastecimento de alimentos das tropas, provocando a fome dos soldados estacionados nos acampamentos de Potreiro Capivari e São Joaquim. Por intermédios das correspondências trocadas entre Câmara e o Conde d’Eu percebemos todos esses problemas. O que parecia mais afligir e desgastar seu comando era mesmo o

²⁸ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 280.

desabastecimento, como inferimos em carta enviada pelo Conde à Câmara em 19 de outubro de 1869:

Nós aqui (Potreiro de Capivari) ainda não podemos avançar por falta absoluta de alimentação, não nos resta nem carne nem farinha. Se Vossa Excelência encontrar gado não se esqueça portanto de mandar para o Rosário, como já recomendei nas minhas instruções.²⁹

A partir dessa fase da disputa bélica também foi possível perceber que o Conde d'Eu havia confiado à Câmara e alguns outros comandantes a perseguição à Solano López. Uma das operações mais significativas comandada por Câmara foi reunir, desde a localidade de São Pedro, 4 batalhões, 5 Corpos e 12 bocas de fogo e enfrentar as forças paraguaias lideradas por Galeano. Para Maria Rita, Câmara relatava, em 2 de junho de 1869, os detalhes da operação contra Galeano, dizendo que comandava cerca de 1.200 homens de infantaria, artilharia e cavalaria, do calor e dos terrenos banhados em que se davam as batalhas. Do combate ele afirmava que conseguiram fazer mais de 300 prisioneiros, tendo morrido cerca de 500 paraguaios, além da obtenção de armamentos, carretas, e por volta de 2.000 reses e cerca de 400 bois. Todavia, a situação, conforme Câmara, era “horrível”, pois as “famílias” estavam “na maior miséria e nudez” e concluía a missiva, por outro lado, dizendo à esposa que guardava para ela uma rede “muito bonita” e um papagaio “raríssimo” que, segundo ele, era do comandante paraguaio Galeano, e para Maria José, sua filha, Câmara guardara uma arara que falava guarani.

Como não pretendemos escrever uma história idealizada acerca de nosso personagem principal, cabe salientar como saldo dessa batalha, além do saque realizado pela cavalaria rio-grandense e dos abusos sexuais sofridos pelas mulheres que se encontravam na região, a degola da maior parte dos prisioneiros que, segundo Doratioto, foi mandada executar por Câmara.³⁰

Alguns dias depois, em 19 de junho, desde seu acampamento em São Pedro, Câmara enviava outra carta à Maria Rita dizendo que havia embarcado para Assunção mais de 3.000 mulheres que havia tomado de Galeano na batalha travada em Tupi-hú, no estado de maior miséria que se podia imaginar³¹. Principalmente após a conquista de Assunção e as posteriores batalhas vencidas pelos aliados, o que restava da população

²⁹ IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 19/10/1869.

³⁰ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 404.

³¹ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 281-282.

paraguaia era basicamente velhos, crianças e mulheres. Conforme Alberto Moby Ribeiro da Silva, a cidade de Assunção, no auge da ocupação contava com cerca de 30 mil soldados aliados e foi sendo povoada por mulheres prisioneiras de guerra, “presas fáceis para esse bando de homens embrutecidos pelos horrores da guerra”.³² Dionísio Cerqueira nos oferece um relato interessante acerca da relação entre as forças de ocupação e as mulheres paraguaias que se encontravam nos arredores de Assunção escondidas no topo de uma árvore:

(...) vi mulheres escondidas na ramalhada, transidas de pavor, algumas com os filhos nos braços. Embaixo, soldados convidavam-nas a descer, e elas, como galo da fábula, desconfiavam das lábias das velhas raposas (...).³³

Nas forças aliadas, é necessário lembrar, também estavam presentes muitas mulheres. Como observou Ricardo Salles, o exército aliado era seguido por mulheres que “durante toda a campanha acompanharam o exército. Eram prostitutas buscando obter lucros da situação, eram esposas e amantes que seguiam seus companheiros, eram mães que buscavam dar apoio e cuidados a seus filhos”.³⁴ A diferença que sabemos, considerando a visão retrospectiva que temos como historiador, mas também a dimensão das forças em disputa, principalmente nessa fase final da guerra, é que as mulheres brasileiras, argentinas e uruguaias eram mulheres do lado vencedor, o que, entretanto, não eliminava seu sofrimento, apenas menor, quem sabe, do que o das mulheres paraguaias.

No encalço das forças de López, no início do mês de agosto de 1869, as forças aliadas se organizaram para realizar a denominada manobra de Peribebuí. Juntamente com o 1º Corpo comandado por Manuel Luis Osório (Visconde do Herval), uma guarda de flanco liderada por João Manuel Menna Barreto, Câmara incorporou sua divisão de cavalaria ao 2º Corpo, o do General Polidoro Quintanilha Jordão, dias depois comandado por Vitorino José Carneiro Monteiro. As forças argentinas eram lideradas por Emilio Mitre. As forças aliadas, desde o início do mês de agosto o 1º Corpo marchou de Piraju para Paraguari, depois, juntamente com o 2º Corpo, para a região serrana de Valenzuela, de onde partiram para o ataque à Peribebuí, capital provisória de

³² SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. A ‘regeneracion’ paraguaia após a guerra da Triplíce Aliança e o papel da mulher. *História: debates e tendências*, v. 11, n. 2, jul./dez. 2011, p. 190-191.

³³ SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. A ‘regeneracion’ paraguaia após a guerra da Triplíce Aliança e o papel da mulher. *História: debates e tendências*, v. 11, n. 2, jul./dez. 2011, p. 191.

³⁴ SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1990, p. 125.

López. Segundo Doratioto³⁵, a defesa de Peribebeuí era composta por cerca de 1.800 homens de infantaria e artilharia, comandados pelo Coronel Pablo Caballero (segundo Câmara, como veremos na carta a seguir, eram 1.400 paraguaios), enquanto as forças aliadas somavam mais de 21.000 homens. Em 12 de agosto começou o bombardeio pela artilharia brasileira e o General João Manuel Menna Barreto com sua cavalaria comandou dois ataques, que foram rechaçados pelos paraguaios. No terceiro ataque, como relatou Câmara a Maria Rita em 13 de agosto de 1869:

(...) Tivemos, porém, uma grande perda com a morte do João Manuel, ferido mortalmente de metralha, quando já estavam os nossos soldados na trincheira. A bala cortou-lhe a artéria, e ele expirou 9 minutos depois de ferido, (...) Perdi mais um amigo de infância! Estou, pois, sob uma impressão bem desagradável, e desde ontem passo incomodado. (...) Os paraguaios tinham 1.400 homens e 15 bocas de fogo. Tudo ficou em nosso poder, porque os que não morreram caíram prisioneiros. Vi crianças de 6 anos despedaçadas pela artilharia e algumas mulheres mortas de feridas! Não te imaginas quanto há de terrível nesta maldita guerra de extermínio. Marchamos hoje para Caacupé³⁶, onde tem o López a sua fundição de artilharia e forças fortificadas. Estou sem cartas tuas. Não sei, assim, se tens recebido as que te tenho escrito desde S. Pedro... Adeus minha querida Maria Rita. Abraça os nossos filhos e lembra-me a todos da família. Teu marido e amigo Jé.³⁷

A morte de Menna Barreto abalou, como vimos, Câmara, que também chamava atenção para os horrores da “maldita guerra de extermínio” que, além do combate desigual entre as forças, matava e muito, como fazia questão de destacar mais uma vez Câmara, mulheres e crianças paraguaias.

Da Vila do Rosário, em 7 de outubro de 1869, Gastão de Orleans, depois de comentar que o Ajudante de Ordens havia realizado um interrogatório com prisioneiros paraguaios, informava a Câmara a respeito da possibilidade de Solano López e suas forças estarem ao norte do Rio Jejuy. Mais uma vez, o Conde d’Eu salientava que cabia à Câmara a missão de caçar López. Era o início da fase final da guerra, com as expedições organizadas por Câmara ao norte do rio Jejui:

³⁵ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 407.

³⁶ Em Caacupé, no dia 15 de agosto de 1869, o General Osório, que, apesar de seus problemas de saúde, havia retornado ao Paraguai em junho do mesmo ano a pedido do Conde d’Eu, deixou o comando do 1º Corpo do Exército e voltou ao Brasil em dezembro daquele ano. Para mais informações ver: OSÓRIO, Fernando Luís. *História do General Osório*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1894 e DORATIOTO, Francisco. *General Osório: a espada liberal do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³⁷ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.301.

Não creio que López esteja, como eles dizem, ao Norte de Jejuy. Bem pode ser porem que quando for tocado deste lado por nós, para aí se dirija. Neste caso, a V. E toca caça-lo e não posso deixar de encarecer a glória que resultarão para as armas brasileiras e para V. E se porventura lhe cair nas mãos.³⁸

O Conde finalizava sua missiva informando que a esquadra estava avisada para “por a disposição de V. E os navios necessários com a maior brevidade possível”. Nos meses seguintes, pelo visto, com a dificuldade de encontrar López, o desânimo do Conde d’Eu se acirrou. Em outra carta desde a Vila do Rosário, Gastão de Orleans escreveu a José Antonio Correa da Câmara em 6 de fevereiro de 1870, dizendo que vivia “tão amofinado” que não se julgava capaz de dar ordens “nem formar juízo sobre cousa alguma relativa às operações” e que sua atividade, naquele momento, se resumia a envolver-se com a retirada para o Brasil dos voluntários da pátria e que:

zQuanto à perseguição à Lopez a entrego ao Marechal³⁹ e a Vossa Excelência, certo que se for possível capturar esse monstro, ele será por Vossa Excelência. Assim terá a Nação Brasileira mais um dia de fulgente brilho, cuja glória reverterá toda para Vossa Excelência, pois não me reconheço com direito para dela reter o menor quinhão para mim.⁴⁰

Durante a Campanha da Cordilheira percebemos o significativo envolvimento de Câmara nas operações. Correspondência enviada pelo Comandante da 1ª Divisão de Esquadra, Vitorio José Barbosa da Lomba, a bordo de uma lancha no rio Jejuy, na localidade de Pasu-Machú, informava que havia recebido carta de Câmara solicitando que ele enviasse 115 prisioneiros paraguaios, inclusive 5 oficiais, à Assunção. Lomba relatava que tais prisioneiros estavam vindo à São José, seguiriam até a foz do rio Jejuy pela lancha Henrique Martins e depois seriam passados para o transporte Tigre até Assunção. Pelo que constatamos nas correspondências, o destino dos prisioneiros após os conflitos bélicos era uma problema para as forças aliadas. O que fazer com eles era a preocupação dos comandantes que, quase sempre, negociavam com outros oficiais a remessa dos prisioneiros para Assunção⁴¹. Nos últimos meses do ano de 1869 e nos meses iniciais de 1870, pelo que percebemos nas correspondências enviadas à Maria

³⁸ IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondências recebidas, 07/10/1869.

³⁹ O Marechal em questão era Vitorino José Carneiro Monteiro nasceu em Recife em 1816 e faleceu em Porto Alegre em 1877, tendo participado da Guerra Farroupilha ao lado dos legalistas, casou-se em 1842 com Benevuta Amália Ribeiro, filha do Marechal Bento Manuel Ribeiro. Ele tomou parte das principais batalhas da Guerra do Paraguai e em 1870 assumiu o Comando de Armas de Permambuco, sendo agraciado no mesmo ano com o título de Barão de São Borja. Em 1871 assumiu o Comando de Armas da Província do Rio Grande do Sul. Para mais informações ver: CARVALHO, Mário Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Of. Graf. da Liv. do Globo, 1937, p. 225-226.

⁴⁰ IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 06/02/1870.

⁴¹ IHGRS, Fundo General Câmara, Correspondência recebida, 04/06/1869.

Rita e a alguns oficiais, como o Marechal Vitorino José Monteiro, Câmara passou a monitorar cotidianamente os deslocamentos de Solano López. Do Quartel-General da Vila da Conceição, nos meses de janeiro e fevereiro de 1869, houve a preparação da operação final contra López. Nas correspondências enviadas ao Marechal Vitorino sabemos que Câmara monitorava os passos de López. Para tanto, possuía como fonte de informações prisioneiros e desertores paraguaios como, por exemplo, quatro mulheres citadas por Câmara em missiva de 4 de fevereiro de 1869, que haviam dito que López havia seguido para Dourados com apenas 3 bocas de fogo. No decorrer do texto, Câmara oferecia mais detalhes das condições em que se encontravam as forças paraguaias que ainda resistiam:

Uma única família decente, a do General Caballero acompanha a força, mas marchando a pé. (...) A maior parte dos oficiais de López tem desertado, e está foragida nos bosques. Para os substituir ele promove jovens de tenra idade. Em sua fuga o acompanham os generais Resquin, Caballero, Delvalle e Roas

Apesar das dificuldades em termos de recursos para alimentar as forças, mas contanto com a “situação precária do inimigo”, nas próprias palavras de Câmara, era imprescindível, segundo ele, alcançar López antes que este chegasse a Dourados e se reanimasse com seus “abundantes campos”.⁴²

A caçada à López finalmente concluiu-se em 1º de março de 1870, quando uma escolta de cavalaria e infantaria brasileira, comandada pelo nosso ilustre personagem, José Antonio Correa da Câmara, encontrou, em Cerro Corá, as últimas forças paraguaias ainda resistentes nas proximidades do rio Aquidaban, região de Amambay, não muito longe da fronteira com o Mato Grosso. Após combate, López foi morto e a guerra, “o mais longo conflito das Américas” até então, encerrada. Do Passo Negla, em 7 de março de 1870, assim descrevia Câmara à Maria Rita o fim derradeiro da guerra e de Solano López:

Mil graças a Deus! Está finalmente terminada a guerra! No dia 1º deste mês, as 11 e meia horas da manhã surpreendi López no seu acampamento na serra de Maracaju, junto a um arroio chamado Aquidaban. (...) Tenho 70 e tantos oficiais prisioneiros, (...) Salvamos a mãe de López e duas irmãs⁴³, que estavam com ordem de serem mortas, e que só devem a salvação à prontidão

⁴² CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 393-394.

⁴³ Segundo Francisco Pinheiro Guimarães Filho, o General Câmara teve uma filha com uma das irmãs de Solano López, Inocência López. Ver: GUIMARÃES FILHO, Francisco Pinheiro. *Um voluntário da pátria: folha de serviços prestados pelo general dr. Francisco Pinheiro Guimarães às classes armadas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

com que ataquei. Linch e quatro filhos estão também em nosso poder, tendo morrido o mais velho, que era coronel, (...) López estava ferido quando o encontrei (...) Falei-lhe intimando que me entregasse a espada, considerando-me seu prisioneiro, e que lhe estava garantida a vida; a resposta que me deu foi ameaçar-me com a espada dizendo-me: ‘Não lhe entrego a minha espada; morro com a minha espada e pela minha pátria’.⁴⁴

Para concluir, gostaríamos de reafirmar a importância heurística do uso das correspondências na pesquisa histórico, visto que, por intermédio de algumas missivas trocadas por Câmara, principalmente com sua esposa Maria Rita, mas também com seus colegas de farda, foi possível demonstrar uma outra faceta da história da Guerra do Paraguai, expondo o testemunho de um comandante militar que esteve presente em quase todo o tempo que perdurou o conflito e em batalhas importantes. Câmara apresentou relatos privilegiados acerca do conflito, tanto em relação ao cotidiano bélico, como também ao que dizia respeito aos assuntos da esfera privada, em que a dimensão humana e pessoal, veio a tona, ao demonstrar um militar que, além das preocupações de caserna, tinha saudades de sua família, preocupava-se com a saúde e educação dos filhos e também contava, à esposa, seus sentimentos e preocupações do cotidiano da guerra.

Do ponto de vista da dimensão do nosso personagem na história, a participação de Câmara na Guerra do Paraguai fez com que ele se tornasse conhecido como grande comandante militar, com destaque, como vimos, pela sua atuação no desfecho do conflito. E, quando o Conde D’Eu retornou ao Brasil, foi Câmara quem ficou como Comandante Geral das tropas do Império no Paraguai. No retorno do Paraguai o General Câmara, como recompensa pelos serviços prestados na guerra, recebeu o título de Visconde de Pelotas.⁴⁵

Neste sentido, após a guerra e nas duas décadas seguintes, Câmara emergiria como liderança política importante do Partido Liberal, ascendendo a cargos políticos no governo imperial, como Ministro da Guerra no gabinete liberal de Saraiva e senador liberal entre os anos 1880-1889. Com a República foi o primeiro Presidente do Estado do Rio Grande do Sul (15/11/1889-11/02/1890).⁴⁶

⁴⁴ CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar* (v. 2). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p. 421.

⁴⁵ Com o término da guerra, a retribuição do poder imperial aos comandantes que lutaram foi a concessão de cargos políticos, comandos militares e da Guarda Nacional, bem como títulos de nobreza. Segundo Jonas Vargas, “Dentre essas retribuições, nenhuma foi maior que a nobilitação de guerreiros da província.

⁴⁶ Quase 70% dos títulos recebidos pelos rio-grandenses durante o período imperial foram concedidos após a Guerra do Paraguai”. Portanto, Câmara era um caso típico de “senhor guerreiro rio-grandense” que, pelos serviços militares prestados recebeu do poder central, após o conflito, cargos, comandos e

Referências bibliográficas

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A expansão do Brasil e a formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai (da colonização à Guerra da Tríplice Aliança)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BARRÁN, José Pedro. *Apogeo y crisis del Uruguay pastoril y caudillesco (1839-1875)*. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-91.
- CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *Marechal Câmara: sua vida militar (v. 2)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DORATIOTO, Francisco. *General Osório: a espada liberal do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FERTIG, André. *Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na defesa do Império do Brasil (1850-1873)*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2010.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul (1821-1937)*. Porto Alegre: Suliani Letra&Vida, 2010.
- GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- GUIMARÃES FILHO, Francisco Pinheiro. *Um voluntário da pátria: folha de serviços prestados pelo general dr. Francisco Pinheiro Guimarães às classes armadas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto;PUC-RJ, 2006.
- LEMOS, Renato. *Benjamin Constant: biografia e explicação histórica. Estudos Históricos*, n. 19, 1997.
- LEMOS, Renato. *Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- IZECKSOHN, Vitor. “A Guerra do Paraguai”. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (org.). *O Brasil Imperial, v II: 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- MALATIAN, Teresa. “Narrador, registro e arquivo”. In: PINSKY, Carla e LUCA, Tania (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- NAHUM, Benjamin. *Breve historia del Uruguay Independiente*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.
- OSÓRIO, Fernando Luis. *História do General Osório*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1894.
- PICCOLO, Helga. *Vida política no século 19*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

também o título nobiliárquico de Visconde de Pelotas. Ver: VARGAS, Jonas Moreira. Marechal, marquês e senador. Política, nobreza e guerra no Segundo Reinado a partir da trajetória do general Osório (1808-1879). *História: Debates e Tendências*, v. 10, n. 2, jul./dez. 2010, p. 244-263.

- POMER, Leon. *Os conflitos da bacia do Prata*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Erus, s/d;
- PROST, Antoine. *Como a história faz o historiador? Anos 90*. Porto Alegre, n. 14, dezembro de 2000.
- SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1990
- SCHMIDT, Benito Bisso. *Biografia e regimes de historicidade. Méis: história e cultura*, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan/jun 2003.
- SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. *A 'regeneracion' paraguaia após a guerra da Triplice Aliança e o papel da mulher*. *História: debates e tendências*, v. 11, n. 2, jul./dez. 2011, p. 183-202.
- VARGAS, Jonas Moreira. Marechal, marquês e senador. *Política, nobreza e guerra no Segundo Reinado a partir da trajetória do general Osório (1808-1879)*. *História: Debates e Tendências*, v. 10, n. 2, jul./dez. 2010, p. 244-263.

Artículo recibido en abril de 2013

Artículo aprobado en mayo de 2013